

Quando e Como Escolher seu Parceiro

Gênero masculino & feminino e memórias autobiográficas.

Mônica Levi

Há duas variáveis importantes que influenciam os relacionamentos a partir da escolha do parceiro:

A evolução do gênero e as memórias autobiográficas, com as decisões de vida. Com a evolução do ser humano e as mudanças sociais, mudaram também os relacionamentos.

A evolução do amor na história

A relação homem e mulher não tinha um vínculo amoroso, como conhecemos hoje, canalizando amor e sexo dentro da mesma situação.

O gênero, masculino e feminino, diferente do sexo que é biológico, é uma construção cultural aprendida que pode variar no espaço e no tempo. Para compreender o tipo de relacionamento de um casal, é importante saber em que tempo e em que espaço eles se localizam.

A primeira grande mudança foi quando o homem se tornou bípede, o que permitiu relações sexuais frontais, o face a face e poder se olhar, que facilitou a intimidade.

Quanto ao tempo, temos um histórico que começa com o modelo “Adão e Eva”. Este modelo, que ainda hoje existe, tem papéis bem definidos: o papel do homem é a segurança e o sustento, quem pensa, decide e protege. O da mulher é cuidar da casa, dos filhos e poder sentir. Este contrato de relacionamento, não causava grandes dilemas se ambos cumprissem com seus papéis. Formando assim uma típica simbiose. Ele entra com P e A e ela com a C. Na Grécia, séc. IV A.C, no Egito e começo do império romano. Havia deusas eróticas sagradas e veneradas. Porém no casamento era diferente: o contrato era um acordo social e econômico, as relações homo eram previstas na educação masculina, a prostituição era comum e legal, divórcio, aborto e abandono de crianças indesejadas, eram questões de conveniência prática.

Na Grécia de Aristóteles, mulheres, escravos e estrangeiros não eram considerados cidadãos.

Com o surgimento do cristianismo, o lema é que todos são iguais perante Deus, a mulher começa a ser percebida como amiga e companheira, mas é reforçada a renúncia ao prazer e o casamento casto.

No séc V, Eva, se torna “depravada”. Surge a associação de sexo e culpa. Sto Agostinho coloca: “O pecado original associa-se ao sexo” Relatos históricos narram que nenhuma mulher entrou na sua casa, nem mesmo a sua irmã desacompanhada.

Durante a idade média, no séc XII, surge o conceito de amor romântico, que é um amor sem compromisso, não sobrevivendo à convivência.

No séc XIII, Sto Tomás de Aquino, retomando Aristóteles, defendia a tese de que o sêmen, ao sair do homem, tem por objetivo reproduzir algo igualmente perfeito, ou seja, outro homem. Circunstâncias desfavoráveis fazem nascer mulheres. Defendeu também que as pessoas solteiras teriam recompensa celestial de 100%, viúvas 60% e casadas 30%.

Com o surgimento dos protestantes, a partir do séc. XVI, precursores do sexo e harmonia conjugal, surgem os conceitos modernos do vínculo amoroso.

Só no séc. XVIII começa nossa compreensão de sexualidade. Até lá, havia uma ciência galênica, baseada na teoria dos humores, se exige diferença dos sexos, para justificar diferença dos gêneros, “provando” que as mulheres, os negros e os colonos eram inferiores, portanto não poderiam ter direitos iguais.

No início do séc XIX, acontece outra grande mudança: a revolução industrial. A mulher entra no mercado de trabalho, sem leis trabalhistas, e mantendo em casa o contrato de relacionamento de “Adão e Eva”. Torna-se assim, duplamente escrava: do marido e do patrão.

As primeiras mulheres que ousaram fazer reivindicações trabalhistas, numa fábrica têxtil Cotton de Nova York, fazendo uma greve contra a jornada de 16 horas, e salários muito baixos, foram queimadas vivas pela polícia local. Isso aconteceu no dia 8 de março de 1857. (Oliveira, 1999). Neste dia se comemora, o dia internacional da mulher.

Nos anos 60, do século passado, acontece a revolução sexual, que com o advento da pílula, libera o sexo, muda as atitudes, passando pela liberdade à libertinagem, o sexo anônimo, e se perdem até os rituais sexuais.

Nos anos 80, dois acontecimentos marcantes vão mudar as atitudes e os relacionamentos. Surge a Aids, o que faz repensar a atitude sexual anterior e a necessidade de tomar maiores cuidados. Atualmente o valor saúde é o mais privilegiado, chegando na França, como coloca o psicanalista Prof. Rassal, a substituir a normalidade pela saúde, o que ele denomina, saúde totalitária. As normas são; “faça o que quer sexualmente, mas use preservativo”. Existe uma estatística que 80% dos estupros na França feitos por adolescentes foram usando preservativo.

Também na década de 80, surge a mulher profissional, que entra no mercado de trabalho com plano de carreira, não mais para ajudar no orçamento familiar, mas para ter uma realização profissional. Temos agora, as executivas. Competindo de igual para igual, com o homem, num espaço que era só masculino. Surge a Eva na frente do homem, deixando o feminino num plano secundário. Essas mulheres não tiveram um modelo feminino para aprender. Suas mães ainda eram Evas, a mulher por trás do homem ou a Supermãe, como coloca Hogie Wyckoff, sobre os Scripts Banais para Mulheres.

“A Supermãe ou a Mulher por trás da Família”, passa sua vida cuidando de todos, menos dela mesma. É a típica Salvadorana, e costuma manipular por culpa e evitar o sexo. Ela escolhe este script para evitar seu medo de ser independente, de desfrutar e da autonomia.

“A Mulher por trás do Homem”, daí vem a famosa frase: “por trás de um grande homem tem uma grande mulher”, é a eminência parda que focaliza toda sua capacidade em apoiar o marido, normalmente menos talentoso, e se contenta com o êxito que ele consegue.

Escolhe esse script pelo medo de ser uma mulher de êxito. Para isso desiste de estudar, deixa de trabalhar e algumas vezes desiste de ter filhos.

A Eva na frente do homem, “A Dama Ríspida”, desde pequena foi ensinada a ser só e não confiar. Tem êxito profissional, sabe cuidar do trabalho, é independente, mas não cuida do seu lado feminino. Usa freqüentemente o papel de Perseguidor. Os homens a percebem como competitiva e castradora e as mulheres se afastam porque ela está por cima, assim ela acaba amargurada e solitária. Este é o final do script destas Evas, que se não forem abandonadas pelo marido, permanecem numa “solidão a dois”.

Existem diferenças significativas em relação ao espaço. Por ex, na época que Sto Agostinho falava que sexo é pecado, na Índia, no séc. IV, Vatsyayan, escreveu o Kama Sutra, manual completo e ilustrado para o prazer sexual, costumes e relacionamentos.

No Ocidente se começou a falar em orgasmo feminino depois da 1ª guerra mundial, só em 38 com Kinsey, começaram os estudos da sexualidade.

Atualmente, em alguns países árabes, a situação é muito pior que na idade média. As mulheres ainda sofrem a retirada do clitóris para não ter prazer, obrigadas a usar as vestimentas que cobrem até o rosto, e o homem tem poder sobre a vida ou a morte das mulheres da sua família, sem ter conseqüências legais.

Como ficam os relacionamentos nestas circunstâncias?

O homem, desde os primórdios, acostumado a ser caçador, agora é caçado....

Os papéis antes tão definidos, precisam estar sendo reformulados, e isso já está acontecendo, nos casais jovens, com mudanças de expectativas, divisão de tarefas, etc.

Porém ainda existem as Evas, mulher por trás do homem, e a mulher na frente do homem. Isto em relação ao tempo e ao espaço, fazendo parte do script cultural, segundo Jangeward e James “Os roteiros culturais são modelos dramáticos já aceitos e esperados, dentro de uma sociedade ...determinados pela maioria das pessoas..e graças a eles, o mesmo drama pode ser repetido geração após geração.. impondo o papel que os homens devem interpretar e o que se espera das mulheres, além de rituais, comportamentos sexuais e costumes... certos

indivíduos aceitam seu roteiro cultural, outros não, merecendo desaprovação e até castigo.

Esses roteiros são perpetuados através da família. Existem os scripts familiares, com suas crenças e valores, por ex. o script trágico da família Kennedy.

É dentro do seio da família que a criança começa a elaborar seu script individual, observando o ambiente, como é seu pai, o que faz, o que diz, como é sua mãe e outras pessoas significativas. Assim essa criança vai decidindo sobre o papel de homem e de mulher. Observa, e também recebe mensagens, sobre o relacionamento dos pais, assiste a cenas de carinho ou grandes desentendimentos e brigas, e vai tomando decisões de vida sobre relacionamentos. Assim, dentro do seu script, é provável que essa criança, a partir de uma “cena chave”, já decidiu como será seu parceiro e quando cresce, ao conhecer alguém com essas características, sente que conheceu “a pessoa da sua vida”.

O importante é reconhecer e entender as influências do script cultural e familiar e principalmente as decisões básicas do script individual, onde as três faculdades básicas, que Berne coloca: espontaneidade, consciência e intimidade, (segundo Steiner: a capacidade de dar e receber amor humano), podem estar lesadas pelo script. “Estas são as três faculdades humanas com as quais começamos a vida e podemos recuperar mais tarde”.

É com estas capacidades que se pode encontrar “a pessoa de sua boa vida”.